

que realmente explicam a realidade (as estruturas do estruturalismo não são visíveis, são modelos racionais construídos)...”

Sem sombra de dúvida, tanto Marx quanto Lévi-Strauss, ou os estruturalistas em geral, observaram e estudaram as estruturas aparentes e reais, salientando sua contradição. Abrange Marx, porém, um nível que inexiste no Estruturalismo: o da ontologia. Além disso, sendo o marxismo humanista, acresce o primeiro às suas teses a atualização aristotélica do “eu”, pela “superação”. Althusser pretende que Marx, na terceira fase que o insere, em sua classificação do humanismo marxiano, abandonou esta postura a partir de 1845. Nós somos contrários a Althusser. Marx não descuidou desta dissociação entre a consciência e a vida, tampouco foi anti-humanista, nesta terceira fase de seu esquema. Em A IDEOLOGIA ALEMÃ (escrita com Engels, em 1845-1846) e em A SAGRADA FAMÍLIA (escrita em 1845), Marx retoma os mesmos princípios e expõe as mesmas idéias, com outras palavras, que enfatizam seu humanismo e sua compreensão da alienação. Independe de fase de sua vida, ou de sua obra, a acepção de alienação. Nós tentaremos apresentar que, em Marx, há mais de uma acepção de alienação, porém sem que haja datas fixando cronológica ou idealmente estes enfoques. Conhecemos também o fato de que o conceito de ‘essência’ em Marx é bastante controverso, o que não impede que tenha objetivado a idéia sem fazer uso do termo^{**}.

^{**} “A respeito do ‘humanismo’, Althusser distingue três etapas na vida de Marx: 1) uma fase humanista: defesa do homem como ‘liberdade e razão’, contra o despotismo prussiano; 2) uma fase feuerbachiana, correspondendo ao uso da palavra ‘alienação’: o homem é um ser comunitário, isto é, sua liberdade e razão desenvolvem-se nas relações com a sociedade e a natureza...; 3) a partir de 1845,...: não existe ‘essencia’ do homem, o humanismo é uma ilusão; nasce o

Em A SAGRADA FAMÍLIA temos que:

“(as massas de operários) Sofrem muito dolorosamente a diferença entre o ser e o pensamento, entre a consciência e a vida. Sabem que a propriedade, o capital, o dinheiro, o trabalho assalariado, etc., não são simples quimeras, mas produtos inteiramente reais, inteiramente tangíveis da sua alienação e que, por conseguinte, devem ser suprimidos de uma maneira real, tangível para que não só no pensamento e na consciência, mas também na sua existência de massa, na sua vida, o homem se torne homem.”

(Marx-Engels, p. 9)

Encontram-se aí, perfeitamente nítidos, elementos do humanismo e da alienação marxianos. O homem, como força criativa, e a superação aí tácita, supõem a dissociação entre o ser e a existência das massas. A divisão do trabalho, a propriedade privada (e suas implicações de posse, possuidor e o ter),

“A concentração exclusiva do talento artístico em alguns indivíduos e sua conseqüente supressão nas grandes massas representam o resultado da divisão do trabalho. ...Numa organização de sociedade comunista, não há pintores; quando muito, há pessoas que entre outras coisas pintam.”

(Marx-Engels, p. 88)

marxismo como anti-humanismo teórico.” (Lepargneur, nota de rodapé, pp. 98-99)

e “A abolição da propriedade privada representa, pois, a emancipação complexa de todos os sentidos e aptidões humanos...”

(Marx-Engels, p. 77)

assim como a possibilidade real de o homem tornar-se homem consubstanciam o caráter de humanismo criador e desalienante do marxismo, um humanismo de proporções ilimitadas. As rupturas se sucedem historicamente e o homem, finalmente, tornar-se-á homem. E nesta sucessão evolucionista, sempre para melhor, ainda que ocorram períodos de retrocesso intercalados, nós adequamos o pensamento marxiano ao comtiano, e o separamos do estruturalista.

“Herr Daumer nem sequer reconhece que as lutas das ‘classes mais baixas contra as mais elevadas’ contribuíram para se atingir um ‘nível de cultura’ em Nuremberg e tornaram possível um domesticador de dragões a la Daumer.”

(Marx-Engels, p. 92)

E mais:

“o progresso que se cifrava em passar para uma sociedade baseada em antagonismos de classe apenas se podia efetuar por meio da escravatura; e isso representou um progresso, mesmo para os escravos,... Só a grande indústria, com o extraordinário desenvolvimento que imprimiu às forças produtivas, permitiu repartir o trabalho entre todos os membros da sociedade sem exceção...”

Apenas agora, portanto, qualquer classe dominante e exploradora se tornou supérflua e até um empecilho para o desenvolvimento social...”

(Marx-Engels, p. 80)

O marxismo assume que, para haver mudança, faz-se mister a “luta prática”, e que o progresso e desenvolvimento, para se efetivarem, pressupõem antagonismos, um movimento humano. Tudo isto se inclui no movimento histórico geral, mundial, do homem, que marcha para uma sociedade melhor, a sociedade sem classes. Existe, no entanto, uma hierarquia nas estruturas mas que não resulta rígida, a bem do processo-vida a que Marx dá tanta importância:

“...da forma definida da produção material resulta, em primeiro lugar, uma estrutura definida da sociedade e, em segundo lugar, uma relação definida dos homens com a Natureza.”

(Marx-Engels, p. 60)

ou nas palavras literais e pessoais de Marx (p. 15):

“a estrutura econômica da sociedade é a base concreta sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas de consciência social determinadas... é o meio de produção da vida material que condiciona o processo da vida social, político e intelectual na generalidade.”

Em síntese: a alienação marxiana possui dois níveis. Ora ela se atualiza numa relação do homem para consigo mesmo (o que é e o que imagina ser), ora numa relação do homem para com a sociedade (o que é e o que deve ser).

O primeiro acontece provocado pelo capital e seus efeitos na comercialização.

“... o dinheiro... transforma os meus desejos do reino da imaginação, ele os traz de uma existência meditativa, imaginada e voluntária para a sua existência sensorial real, da imaginação para a vida, do imaginado para o verdadeiro estudo de existência. ... A diferença entre a exigência efetiva baseada no dinheiro e a exigência não efetiva baseada nas minhas necessidades, paixões, desejos, etc., é a que há entre SER e PENSAR, entre pensamentos apenas EXISTENTES no meu íntimo e pensamentos como OBJETOS REAIS existentes para mim no meu exterior” escreve Marx.

(Marx-Engels, p. 66)

A imaginação passa a ser confundida com a realidade, e o homem está num estado em que se alienou de si mesmo.

O segundo caso, mais propalado nos estudos marxianos, diz respeito à alienação humana na sociedade. É a alienação provocada pela divisão do trabalho:

“Sou um humorista, mas a lei ordena-me que escreva com gravidade.”

(Marx-Engels, p. 76)

Ou na página 24, do mesmo livro, onde se lê:

“... o homem não se perde no seu objeto, quando este se torna para ele objeto humano ou homem objetivo.”

O trabalho deve ser, para Marx, extensão do homem, o seu ser objetivado na sociedade, criando-se, ‘sendo-se’. O que acontece na sociedade capitalista, e que motiva a alienação do homem..., ou melhor, o que é alienação, nesta segunda acepção, é a contradição, o desacordo entre a individualidade e a sua função imposta do exterior pela divisão do trabalho.

Resumindo: Há três marxismos, e dois conformando uma mesma filosofia (clássico e heterodoxo) e um fomentando outra filosofia diferente (ortodoxo).

Há um só Estruturalismo. As disciplinas, porém, e ciências, podem fornecer um dado novo desta filosofia, cada vez que são obrigadas a adaptar seus princípios e postulados a seu objeto. Assim, há uma Lingüística Estrutural, uma Antropologia Estrutural, uma Economia Estrutural, etc. ...

3. Comunismo e Estruturalismo

A releitura de textos marxianos e estruturalistas levou-nos a repensar suas correspondências e inexatitudes.

Como bem formulou Lepargneur,

“...a atitude estruturalista é reação contra a hipótese do progresso que nasceu no século XVIII e contra qualquer imperialismo do historicismo que deu a mística dominante no século XIX;...”

(p. 7)

Nós já assimilamos que o historicismo, próprio ao pensamento marxista e impróprio à tônica estrutural, finda, até certo ponto, na fase da sociedade comunista. Esta constitui o fim da evolução do homem, a ponto de ter sido Marx, muitas vezes, comparado à Comte, tão rigorosamente estudado por Irineu Strenger, e identificado a Hegel, pela possibilidade de que os antagonismos sejam resolvidos (na identidade dos contrários hegeliana). Adotamos pessoalmente tal posicionamento, frisando, porém, que existem frissuras sutis. Primeiro: o marxismo abrange a análise do ser e a do conhecimento (como filosofia) enquanto o estruturalismo só se ocupa da epistemologia. Ou antes: o marxismo, inclusive na temática do comunismo, se preocupa ainda com o ser, e propõe a prevalência da ontologia com relação à epistemologia; o estruturalismo, por seu turno, dá maior relevo à segunda. O marxismo possui este comportamento em virtude mesmo de considerar bastante a matéria, como materialismo que é, e com isto, abordar a luta prática (da praxis) humana, as manifestações do homem, seus contatos consigo mesmo e com o outro, ou com a mercadoria, o dinheiro, etc. ... com Hegel, no comunismo, a identidade dos contrários. Não exatamente com Hegel. Interfere, na doutrina hegeliana, o transcendental, que os marxismos abominam e substituem pela imanência. A identidade dos contrários, por ocasião da sociedade sem classes, é regida pela imanência.

“Uma moral realmente humana, superior aos interesses de classe e aos seus prolongamentos só será possível numa sociedade que tenha não só ultrapassado, mas também esquecido, na prática da vida, a oposição de classes.”

(Marx-Engels p. 18)

Queremos demonstrar que ao comunismo, como realidade, equivale o Estruturalismo, como filosofia. Não há

hierarquia de estruturas no comunismo, como não há no Estruturalismo. Consequentemente, não há hierarquia de valores, não há mesmo valores. Nem oposições, que as contradições, segundo vimos com citação de Lévi-Strauss, é uma falha que se corrige naturalmente. Escreve Maurice Godelier, representando o Estruturalismo, que

“... nenhuma sociedade existe sem organizar suas diferentes atividades segundo os princípios e a lógica de uma certa ordem voluntária. A tarefa das ciências sociais é confrontar essas regras com os fatos para fazer aparecerem ‘leis’.”

(p. 321)

É assim que vemos o Estruturalismo, como ciência e filosofia, e o comunismo, como realidade objetiva. Chamamos Lepargneur, para complementar este pensamento, quando escreve que:

*“A estrutura supõe normalmente a noção de totalidade^{***} na qual se agrupam elementos; a noção de disposição que particulariza esse conjunto a partir de seus elementos e de suas disposições relativas, a noção de solidariedade, segundo a qual a alteração que atinge um elemento tem repercussões mais ou menos profundas sobre os demais elementos do sistema; supõe ainda que o*

^{***} Compare-se com Marx: “o indivíduo é o conjunto de suas relações sociais” (apud Garaudy, p. 62), atentando para o fato de que a alienação desaparece no comunismo justamente em razão de esse indivíduo e suas relações sociais formarem uma “totalidade” una e unívoca, coerente.

conjunto reaja a determinada modificação por um processo de auto-regulação (feedback), pelo qual o sistema assume uma espécie de autodefesa, como aparece com particular perfeição nos organismos vivos. A estrutura é articulação de elementos correlativos uns aos outros.”

(p. 8)

Continua o mesmo autor:

“... uma certa filosofia parece frutificar a partir do estruturalismo: a cultura produz a consciência; o pensamento é dominado pelo impensado; a verdade do homem reside no inconsciente; à pergunta de Nietzsche: ‘Quem está falando?’, responde-se: ‘ninguém’ ou ‘ça’ ou ‘o sistema’, o mistério do ser; numa palavra, trata-se da filosofia da personagem de Samuel Beckett que declara: ‘Eu sou feito de palavras, das palavras dos outros’.”

(pp. 129-130)

No comunismo, o homem, em parte, está consciente de sua participação na totalidade, e assim “produz universalmente”.

“...os sentidos humanos e os da Humanidade, surgem como resultado da existência do objeto do homem, na natureza humanizada.”

(Marx-Engels, p. 52)

A Natureza humanizada é o cessar da luta do homem para criar objetivamente na Natureza, para dirigir seus próprios atos e de acordo com sua vontade individual; é o fim do choque que provoca no sentido em que cultura faz frente a um mundo natural. Em uma palavra: a conformação da “vontade coletiva” ao sistema natural já organizado, produto de toda a evolução histórica mundial. Este é o estado comunista, onde não há espaço para o Estado.

Insere-se, assim, a postura estruturalista no universo marxista, tal prenunciado pelo marxismo:

“... não pode ser motivo de espanto o fato de a consciência social de todos os séculos, apesar de toda a variedade e diversidade, se mover dentro de certas formas comuns – formas de consciência que apenas se dissolverão completamente com o desaparecimento integral do antagonismo de classes.”

(Marx-Engels, p. 13)

E Michel Foucault, em entrevista à Quinzaine Littéraire (apud Carlos Nelson Coutinho, p. 94):

“Em todas as épocas, a maneira como as pessoas refletem, escrevem, julgam, falam, até mesmo na rua, as conversas e escritos mais cotidianos, inclusive a maneira como as pessoas experimentam as coisas, como sua sensibilidade reage, todo o seu comportamento é dirigido por uma estrutura teórica, por um sistema.”

Insistimos num aspecto, o de que o estruturalismo será sempre distinto dos marxismos, ainda que do marxismo ortodoxo, e distinto também da realidade comunista, em função do humanismo. Até no estado comunista, a humanidade, embora socializada, é eixo de criação contínua, ininterrupta. Seu fim é a produção para e com os outros, seus iguais. Alcança, com isso, um grau de coerência e estabilidade e, se Lévi-Strauss afirma que

“não há e não pode haver uma civilização mundial no sentido absoluto que se dá a esse termo, pois a civilização implica na coexistência de culturas oferecendo entre si o máximo de diversidade.”

(Race et Histoire, apud Carlos Nelson Coutinho, p. 114),

O marxismo afirma que

“na história da sociedade, a repetição das situações é exceção e não regra... e quando surgem essas repetições, nunca se produzem exatamente nas mesmas condições”

uma vez que as diversidades existem. O aspecto dinâmico historicista e humanista do marxismo vai permitir que

“...a diferença entre trabalho ‘humano’ e ‘individual’ também se converte em absoluta insensatez. ... A subordinação... a dependência... numa organização de sociedade comunista, tudo isso desaparece”

(Marx-Engels, pp. 16 e 88, respectivamente)

donde se conclui que, apesar da diversidade, uma civilização mundial é possível, contrariamente ao que imaginou Lévi-Strauss. Os homens tornam-se livres (note-se que o obstáculo para uma identificação completa do estruturalismo com o marxismo, sociedade comunista nos termos em que sugerimos, reside no homem) à medida que a natureza é humanizada.

“A liberdade é a consciência que o homem tem de si mesmo no elemento da prática, quer dizer, é o conhecimento que um homem tem de outro homem como seu igual.”

(Marx, A Sagrada Família, apud Garaudy, p. 149)

O comunismo traz, com a liberdade do homem, a coerência sistêmica, lógico-formal. Mas o sistema nunca deixará de ser *“uma totalidade orgânica de objetos em relação”* (Godelier, p. 322).

“O ‘sistema’ é ... um conjunto, uma combinação, um complexo de diversas estruturas (econômicas, técnicas, demográficas, políticas, jurídicas, sociais, mentais...) ligadas por relações relativamente estáveis. É, em suma, um complexo coerente de estruturas’. O acento não é posto sobre nenhum elemento particular: é apenas o conjunto dos diversos tipos de estruturas, a sua coerência, a sua especificidade, a sua homogeneidade, que determina o ‘sistema’ e lhe dá a sua tonalidade própria.”

(André Marchal, p. 111)

A diversidade, porquanto inerente ao homem, às organizações, à natureza, preside qualquer sistema, que comporta no mínimo duas estruturas. Em conseqüência, as contradições acontecem, e até o conhecimento não se pode revestir da aura de um saber absoluto. Mesmo sendo o comunismo o fim a que aspirou Marx, como forma superior de civilização humana, por conterem os marxismos o homem – sujeito-objeto – (no Estruturalismo ele é somente objeto, ou então desprezado em proveito da análise funcional das relações estruturais),

“...: a coerência das estruturas resulta... do desenvolvimento da história, duma sincronização entre os elementos do conjunto que se desloca... ..., a palavra coerência evoca para nós a idéia duma estabilidade relativa no tempo ou duma sincronização no movimento tal como nos é revelada pela história, e também a idéia de homogeneidade ou de compatibilidade, revelando-se a ausência de coerência pela presença, no seio dum conjunto dado, de sectores de épocas diversas e de estilos concordantes.”

(André Marchal, p. 112)

Este o sistema de uma sociedade comunista e que, descontado o processo de evolução histórica por que passou, se assemelha ao sistema social visto sob uma ótica estrutural. Pois que

“...as unidades só podem se definir por suas relações... elas são formas e não abundâncias”

(Garaudy, p. 61)

e a totalidade predomina sobre as partes, como no comunismo, como no Estruturalismo, na forma como nô-lo expôs Piaget em Qu'est-ce le structuralisme.

Em suma, concebemos o Estruturalismo equivalente ao comunismo, enquanto realidade. Duas questões não ficaram suficientemente esclarecidas: o da descontinuidade e a das aparências. Cremos já termos exposto o que concerne à descontinuidade, com a última citação do economista André Marchal. Trata-se do caráter historicista, no âmbito apenas da CAUSALIDADE, diferentemente do historicismo que afasta o Estruturalismo dos Marxismos, conforme já estudamos. Por isso diz Lévi-Strauss, introduzindo a diversidade e descontinuidade em seu pensamento, que

“Na verdade não existem povos crianças; todos são adultos, mesmo que não possuam o diário de sua infância e de sua adolescência”

(Race et Histoire, apud Carlos Nelson Coutinho p. 115),

e o marxismo diz

“Há crianças mal-educadas e crianças precocemente envelhecidas: é o caso de muitos povos da antigüidade. Os gregos eram crianças normais. O encanto que nos é inspirado por suas obras não se ressentido do fraco desenvolvimento da sociedade que as fez florescer; ao contrário, SÃO SEU PRODUTO, ALGO INSEPARÁVEL DAS CONDIÇÕES DE IMATURIDADE EM QUE ESSA ARTE

*NASCEU, TÃO-SOMENTE NAS QUAIS
PODIA NASCER E QUE NÃO
VOLTARÃO JAMAIS” (os grifos são
nossos).*

(Marx, Fondements de la Critique de l’Economie Politique, apud
Carlos Nelson Coutinho, p. 115)

Importa agora verificar que a alienação, ausente no Estruturalismo, está ausente também na sociedade comunista. Toma a forma de estrutura aparente ou visível, e real ou invisível, no Estruturalismo, ao passo que a sociedade comunista revela-se inexistente quando efetua-se a adaptação (não a coerência) da cultura e da natureza. Lá, onde a descontinuidade estrutural é salto, defasagem, e a marxista é continuidade de fenômeno histórico, aqui, a aparência é o salto para a “essência” no estruturalismo, e o encontro da aparência com a “essência” no comunismo, porque a Natureza está humanizada, e a humanidade socializada.

“O aparecimento de uma contradição nasce, na realidade, do aparecimento de um limite, de um umbral para as condições de invariabilidade de uma estrutura. Além desse limite uma mudança de estrutura se impõe.”

(Godelier, p. 117, ao analisar Marx)

O Estruturalismo busca, no salto que impõe uma descontinuidade, a invariabilidade da estrutura, e isto realiza ao descobrir o invisível que se esconde nas “aparências”. Está mais no campo da epistemologia.

O Comunismo é uma certa invariabilidade na medida que aconteceu a adequação da Natureza e da Cultura e que desapareceram as divisões de classe. Comporta a fase da descontinuidade, ou ruptura histórica, da sociedade de classes,

continuando a evolução histórica da humanidade, desde que aboliu a alienação. Está mais no campo da ontologia.

Ressalvadas as repetidas diferenciações, o Estruturalismo interliga-se, menos com os marxismos clássico e heterodoxo, mais com o marxismo ortodoxo e o comunismo, os quais registram um sistema primacial, por uma razão ou por outra, por um instrumento ou por outro, ao exhibir uma estabilidade e coerência maior. As relações do Ser, independentemente de sua verdade ou da perspectiva de seu aperfeiçoamento, impõem um critério de conhecimento que releva a contradição em favor das identidades no seio do sistema. A validade, destarte, ocupa o espaço da verdade, cada vez que o Estruturalismo, o marxismo ortodoxo, e o comunismo especialmente, infere a utilização dos elementos combinados que se repetem em cada estrutura, no estudo comparativo, e dentro dos conjuntos, para o procedimento científico cognoscente.

Referências Bibliográficas

- COUTINHO, Carlos Nelson. *O Estruturalismo e a Miséria da Razão*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1972.
- DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo : Perspectiva, Coleção Debates, 1971.
- GARAUDY, Roger. *Marxismo do Século XX*. Trad. de Leandro e Giseh Konder. Rio da Janeiro : Paz e Terra, 1967.
- GODELIER, Maurice. *Racionalidade e Irracionalidade da Economia*. Trad. de Maura R. Sardinha. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, s/ data.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2ª edição, 1978.

- HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. Trad. de António Correia. Coimbra : Arménio Amado, 7ª edição, 1978.
- HIRSCHBERGER, Johannes. *História da Filosofia Contemporânea*. São Paulo : Herder, 1968.
- KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Trad. António Sousa Ribeiro. Porto : Afrontamento, s/ data.
- LEPARGNEUR, H. *Introdução aos Estruturalismos*. São Paulo : Herder e USP, 1972.
- LUKÁCS, Georg. *Introdução a uma Estética Marxista*. Trad. De Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2ª edição, 1970.
- MARCHAL, André. *Sistemas e Estruturas Econômicas*. Trad. De Antonio Borges Coelho. Lisboa : Livros Horizonte, s/ data.
- MARX-ENGELS. *Sobre Literatura e Arte*. Trad. Olinto Beckerman, Coleção Bases. São Paulo : Global, 2ª edição, 1980.
- NUÑO, Juan Antonio. *Sentido de la Filosofía Contemporanea*. Caracas : Universidad Central de Venezuela, 2ª edição. 1980.
- POUILLON, Jean. Uma Tentativa de Definição. In *Eduardo Prado Coelho, ESTRUTURALISMO*.
- SALDANHA, Nelson Nogueira. Ensaio sobre o Marxismo. In *Revista Brasileira de Filosofia*, volume VII, Fascículo I, de janeiro-março 1957.
- STRENGER, Irineu. Marxismo e Positivismo. In *Revista Civilização Brasileira*, Ano III, Caderno Especial 1 (A revolução Russa – Cinquenta Anos de História), novembro de 1967.